

¹OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO: DA TEORIA A PRÁTICA.

Denise da Silva Rodrigues

Elisleide Ferreira de Jesus

Renata dos Santos Silva

Faculdade Ages Senhor do Bonfim-BA

Resumo: O presente artigo tem como objetivo abordar as relações entre teoria e prática na inclusão de crianças que apresentam autismo. Onde a escola é o maior aliado nessa jornada, pois é necessário o acompanhamento da mesma juntamente com a comunidade e os pais para que possamos garantir que essas crianças continuem frequentando a escola. É válido mencionar que uma mudança no currículo escolar deve ser feita através pesquisas que possam ajudar a inserir esse aluno nas atividades extracurriculares auxiliando na sua autonomia, para que ele possa superar desafios e melhorar sua cognição. Dessa forma o docente contribui de maneira satisfatória, onde é necessário que o mesmo tenha especializações afim de auxiliar no preparo essencial para lidar com crianças. Partindo da premissa que devemos lutar por uma sociedade justa e igualitária devemos buscar compreender e aceitar sobre a diversidade humana. Conceder as crianças com autismo um ambiente que elas possam interagir com as demais crianças da mesma faixa etária irá proporcionar o estímulo das suas capacidades de se desenvolver impedindo assim o isolamento das mesmas. Um olhar atento deve ser essencial ao professor diante das circunstâncias que essas crianças enfrentam buscar acolher e ter um maior afeto sempre será o melhor caminho para inclusão. A inclusão de crianças com autismo é algo que busca compreender habilidades tais como sociais, visuais e comportamentais. Todas essas técnicas são de relevância para atingir resultados satisfatórios afim de contribuir para o desenvolvimento cognitivo e social das mesmas.

Palavras-Chave: autismo; escola; inclusão; professor; sociedade; criança.

¹ Acadêmicas do oitavo período em Letras Vernáculas da Faculdade Ages Senhor do Bonfim-BA
denises@academico.faculdadeages.edu.br, elisleidef@academico.faculdadeages.edu.br
renataa@academico.faculdadeages.edu.br

Artigo científico para a nota parcial de Avaliação 3 da Unidade Curricular Inclusão e Libras e Trabalho de Conclusão de Curso em 2021.1 sob as orientações das professoras Ms.Alexandra Cardoso da Silva Duarte e Esp.Claudiana Ribeiro dos Santos Andrade.

LOS RETOS DE LA INCLUSIÓN ESCOLAR DE NIÑOS CON AUTISMO: DE LA TEORÍA A LA PRÁCTICA.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo abordar la relación entre teoría y práctica en la inclusión de niños con autismo. Donde la escuela es el mayor aliado en este camino, ya que es necesario monitorearlo junto con la comunidad y los padres para que podamos asegurar que estos niños sigan asistiendo a la escuela. Cabe mencionar que se debe realizar un cambio en el currículo escolar a través de investigaciones que puedan ayudar a insertar a este alumno en actividades extraescolares, ayudando en su autonomía, para que pueda superar desafíos y mejorar su cognición. Así, el docente contribuye satisfactoriamente, donde es necesario que cuente con especializaciones para ayudar en la preparación imprescindible para el trato con los niños. Partiendo de la premisa de que debemos luchar por una sociedad justa e igualitaria, debemos buscar comprender y aceptar la diversidad humana. Proporcionar a los niños con autismo un entorno en el que puedan interactuar con otros niños del mismo grupo de edad, estimulará sus habilidades para desarrollarse, evitando así su aislamiento. Una mirada atenta debe ser fundamental para el docente ante las circunstancias que enfrentan estos niños buscar acoger y tener un mayor afecto será siempre el mejor camino para la inclusión. La inclusión de niños con autismo es algo que busca comprender habilidades como lo social, visual y conductual. Todas estas técnicas son relevantes para lograr resultados satisfactorios con el fin de contribuir a su desarrollo cognitivo y social.

Palabras clave: autismo; colegio; inclusión; profesor; sociedad; niño.

2¹. INTRODUÇÃO

Um dos interesses para iniciar esse artigo partiu da necessidade de aprofundarmo-nos acerca de como funciona essa inclusão de autistas nas redes de ensino, sejam elas públicas ou privadas. Além disso, baseando-nos no estudo da unidade curricular Inclusão e Libras que retrata sobre essa perspectiva de educação inclusiva, buscamos discutir sobre essa síndrome em questão denominada autismo. Partindo disto, visamos buscar a importância de debater sobre a inclusão pois ela deve fazer parte da carreira principalmente de professores da rede básica de ensino.

Neste sentido, buscamos validar a necessidade de termos profissionais comprometidos com a inclusão na educação, pois não adianta ter aquele aluno matriculado se não houver o cuidado de incluir com consciência e não somente na teoria, mas na prática também.

² Faculdade Ages Senhor do Bonfim-BA – ÂNIMA EDUCAÇÃO

Diante disto, o objetivo deste artigo é mostrar sobre de que forma deve-se inserir essas crianças na escola como também na sociedade em si, para que as outras pessoas possam enxergar que eles possuem o direito de viver em uma sociedade livre e conseqüentemente igualitária.

Mesmo com dificuldades, esses alunos devem ser inseridos no ambiente escolar, pois é nele que os mesmos serão estimulados e preparados para viver em sociedade. Apesar das suas limitações é dever da escola juntamente com os pais e a comunidade ter e contribuir para esse processo. É valido mencionar que as dificuldades enfrentadas pelos alunos com autismo, principalmente o fato de que eles não possuem a mesma capacidade de digerir e raciocinar o que está acontecendo ao seu redor e ter uma devida percepção como os outros, isso acaba afetando o seu desenvolvimento.

Por esse motivo, o professor precisa ter um pouco de paciência para lidar com esses alunos, onde ele irá desenvolver uma rotina no intuito de acolher essa criança para que ele possa construir sua autonomia e conseqüentemente melhorar as suas habilidades.

De acordo com Martins e Monteiro (2017, p. 3)

independente de o aluno autista frequentar a escola regular ou a instituição especial, há em vigor um discurso sobre a escolarização dessas crianças, aspecto que demanda maior conhecimento sobre as relações estabelecidas entre os alunos com seus pais, equipe pedagógica e com outras instâncias institucionais, assim como reflexões sobre as possibilidades de ensinar esses alunos.

Mesmo diante de tantas campanhas, algumas pessoas ainda cometem a ignorância de ironizar e ser preconceituosos com esse transtorno. Essas situações ocorrem por muitas vezes nas quais o indivíduo não tem informações necessárias acerca do que quer dizer o autismo e suas limitações. Partindo disso é necessário cada vez mais ocorrer debates sobre tal assunto.

Conhecer sobre o autismo não somente cabe ao professor, mas toda a sociedade, pois nos permite ampliar os nossos conhecimentos acerca da grandiosidade desse assunto onde nem sempre as limitações são maiores do que a capacidade de superar os desafios. É dever da escola incluir e oferecer oportunidades

iguais a esses alunos tal como uma estrutura de qualidade onde será capaz de oferecer conhecimentos que realmente sejam eficazes nessa inclusão.

Conforme cita Rodrigues (2010, p. 72-73):

[a] proposta inclusiva da Educação (um direito assegurado) tem por fim conscientizar os (as) professores (as) sobre as bases filosóficas, políticas educacionais, jurídicas, éticas responsáveis pela formação de competências do profissional que participa ativamente dos processos de integração, desenvolvimento e inserção da pessoa deficiente na vida produtiva em sociedade, evidenciar o direito legal mediante dever do Estado com a educação; e garantir, conforme determina a Constituição da República Federativa do Brasil no seu artigo 208, inciso III, o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiências, preferencialmente na rede regular de ensino(RODRIGUES,2010,p.72-73).

Ou seja, a educação inclusiva e se faz necessária pois ela é responsável pelo entendimento onde assegura que essas crianças com transtornos tem o direito de estudar seja nas instituições privadas ou públicas, pois o estado assegura que todos devem ser tratados como iguais, apesar disso não acontecer em todas as escolas. Desse modo buscamos trabalhar para mudar essa realidade.

No momento em que as crianças atingem a idade para estudar começa a procura de uma escola que melhor atenda suas necessidades, onde elas possam desenvolver suas habilidades, e encontrar condições favoráveis ao ensino. Porém há muitas instituições que não estão preparadas estruturalmente e conseqüentemente no quesito pedagógico para recebê-las.

Porém, podemos observar que nos últimos anos ocorreu certa preocupação em como proceder com esses alunos nas series iniciais onde as instituições devem procurar capacitar seus profissionais para receber esses alunos de maneira adequada e proporcionar a eles um ensino de qualidade visando sempre na inclusão e interação com as demais crianças.

O aluno diante desse contexto deve ser respeitado como um ser em constante desenvolvimento, ele necessita de atenção e acompanhamento onde o professor irá desenvolver atividades que o envolvam nesse processo de adaptação de forma lúdica e com respeito. Mostra-se que se a escola deve considerar um novo modelo de currículo educacional, o qual romperá barreiras, e não adotara mais o método antigo onde só beneficiava crianças sem transtornos.

Frente ao conteúdo exposto, é notável que ainda há barreiras a serem enfrentadas com relação a essa inclusão escolar, um processo no qual envolve pais, comunidade e principalmente a escola. Ainda há uma necessidade que envolva a escola juntamente com professores e a família, afim de lutar pelos interesses dessas crianças para buscar novas metodologias educativas, para que assim, a criança com autismo possa compreender o meio educacional e social no qual está inserido.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Fundamentação teórica

É possível compreender que há muito a ser feito no que diz respeito as mudanças do currículo educacional. Procurar pontuar as reais necessidades desses alunos e trabalhar em cima delas para garantir que os mesmos possam interagir de maneira satisfatória, mesmo diante das suas dificuldades.

É necessário que tanto os familiares quanto os profissionais desenvolvam atividades que estimulem a criatividade desses pacientes com transtorno do espectro autista e criem planejamentos que considerem estimulantes na obtenção das habilidades sociais para dessa forma fazer com que todas as áreas se ativem. (LEMOS; SALOMÃO; RAMOS, 2014).

Nessa perspectiva, iremos buscar sempre essa interação entre os pais e a escola afim de melhorar cada vez mais o desenvolvimento cognitivo desses alunos. Buscar sempre entender a melhor maneira de estimular essas crianças, é necessário compreender que a rotina da criança com autismo está ligada ao ambiente em que ela é inserida, tal como suas limitações e habilidades. Dessa forma, devemos sempre buscar enfatizar a necessidade de estímulos por parte tanto da família quanto da escola.

Segundo o estudo de Gonçalves, Abrão e Manzato (2014), embora haja obstáculos na inclusão de crianças com algum tipo de deficiência na escola, autorizar a relação com estes significa aumentar as chances de interagir com o outro, respeitar as diferenças e adquirir um novo modo de pensar sobre os demais.

Faz-se necessário o auxílio dos familiares durante todo o processo de acompanhamento na jornada desses alunos, tendo em vista que essa relação entre pais e escola é essencial para o desenvolvimento dos dois. Essa contribuição que os pais podem oferecer para seus filhos com aspecto é indispensável para que eles possam desempenhar suas habilidades com maior segurança. Visando sempre o bem-estar de todos e buscando sempre promover a autonomia desses alunos alinhando a aprendizagem escolar.

Klein (2010) alega que a palavra “inclusão” tem sido utilizada como jargão na área educacional para marcar as práticas que gostaríamos que fossem mais justas democráticas e solidárias para com o outro. O ato de incluir vai além da inserção, faz-se necessário tornar o indivíduo parte de um todo, para que o mesmo não seja rotulado e excluído por apresentar comportamentos e características diferenciadas.

O papel do professor é ser o mediador e criar aberturas para facilitar o aprendizado desses alunos. Visando sempre buscar as melhorias de maneira que eles possam se sentir abraçados e acolhidos, mesmo que alguns fatos indiquem que a palavra inclusão por muitas vezes não é usada na prática mas somente na teoria faz parte do papel do docente adequar o conteúdo proposto para que todos possam participar sem que possam se sentir excluídos.

Lopez (2011) atribui o papel do professor como o mediador, ela o define como aquele que no processo de aprendizagem favorece a interpretação do estímulo ambiental, chamando a atenção para seus aspectos cruciais, atribuindo significado à informação concebida, possibilitando que a mesma aprendizagem de regras e princípios sejam aplicados às novas aprendizagens, tornando o estímulo ambiental relevante e significativo, favorecendo desenvolvimento.

A inclusão de crianças com autismo muitas vezes gera estranhamentos por parte dos outros colegas, visto que eles serão observados com olhares diferentes de maneira negativamente falando. O que acaba gerando uma das dificuldades para o professor lecionar sem comprometer o aprendizado da turma inteira. Partindo dessa perspectiva, o professor será o mediador dessa situação onde cabe a ele, buscar adequar sua metodologia para atender as necessidades de todos.

[...] quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, tem

movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo, e chegam até dizer que são perigosos e precisam ser trancados em uma instituição para deficientes mentais. São falas que revelam desinformação a respeito dessa síndrome (CHIOTE, 2012, p. 37).

Segundo Coscia (2010) o professor, ao iniciar o processo de ensino aprendizagem com uma criança com autismo, terá a sensação que ela se recusa a interagir e a aprender qualquer coisa proposta por ele. Este deverá proporcionar um ambiente adequado, com intervenções necessárias para que ocorra a comunicação.

Nesse sentido, é muito importante que o professor possa ajustar algumas condições para que entendam a grande importância que é mudar o contexto atual de aprendizagem de alunos com autismo. É compreensível entender que a diversidade existe e todos têm como responsabilidade mudar a postura, perante as atitudes que muitos acabam tendo, sem as vezes, perceber que machucam aqueles os quais devemos acolher e não menosprezar, simplesmente por terem as suas dificuldades.

Contudo, diante da criança com autismo e suas peculiaridades na linguagem e interação social, muito é dito em relação a sua (in)capacidade de simbolização. O brincar dessa criança é muitas vezes compreendido como bizarro, as manipulações e os movimentos que essa criança realiza com os objetos são por vezes percebidos como estereotípias, sem sentido, e deixam de ser significados pelas pessoas próximas (familiares e professores) (CHIOTE 2012, p.2).

Diante disso, é notável que mais uma vez essas crianças são discriminadas, simplesmente pelo fato de que suas manias são vistas como algo bizarro ou sem sentido. Mas quem julga esquece de que ela não tem a mesma noção das coisas que outras crianças tidas como normais tem. Ter um diagnóstico precoce acerca do autismo ajuda muito a identificar o grau em que ele se encontra e conseqüentemente irá ajudar também o professor a criar a melhor metodologia de acordo a necessidade que ele apresenta.

Vigotski (1997 apud CHIOTE, 2013) enfatiza que, assim como as crianças normais apresentam particularidades em seu desenvolvimento, o mesmo acontece com a criança deficiente que se desenvolve de um modo distinto e peculiar, ou seja, elas necessitam de caminhos alternativos e recursos especiais. A educação especial, por caminhos diferentes, precisa promover experiências que invistam no desenvolvimento cultural da criança, sua participação nos diferentes espaços e atividades cotidianas.

Por conta disso, é recomendável que a adaptação dessas crianças ocorra para abrir espaço para a imagem de outras que apresenta sim peculiaridades, mas, como toda e qualquer criança, todas necessitam do outro para se desenvolver educacionalmente de forma única.

As adequações curriculares servem para flexibilizar e viabilizar o acesso às diretrizes estabelecidas pelo currículo regular e não possuem a intenção de desenvolver uma nova proposta curricular, mas estabelecer um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. Isso é facilmente realizado quando há disponibilidade do profissional da sala de recurso na escola, que contribui para que sejam planejadas as ações pedagógicas e o conteúdo que o aluno deve aprender (Valle; Maia, 2010).

A adaptação deve se dar, por meio tanto da colaboração dos pais mas principalmente pela escola. Baseando-se em um currículo rico o qual possa chamar a atenção dos alunos e principalmente fazer com que eles participem das aulas sem prejudicar os demais. A direção da escola deve ter um profissional especializado para ajudar nas demandas e consequentemente melhorar o desenvolvimento das habilidades desses alunos. Tornando assim má aprendizagem significativa e favorável tanto a escola como aos maiores beneficiados que serão os alunos com transtornos.

Percebe-se que identificar maneiras de melhorar essa interação metodológica e de suma importância para o desenvolvimento desses alunos, muitas vezes o professor tem dificuldade de inserir esse aluno com autismo em sala de aula simplesmente pelo fato de que não tiveram uma preparação necessária para lidar com tal situação, muitos vêem que há a necessidade dessa formação complementar para que possam incluir essas crianças em sala. Por outro lado, muitos alegam que além da formação faltam matérias didáticas que são de extrema necessidade para dar prosseguimento a essas práticas pedagógicas.

O que acarreta o comprometimento da aprendizagem desses alunos visto que sem o material didático e um ambiente estruturado fica impossível proporcionar a eles uma aula que seja atraente e agradável. Dessa maneira, muitas vezes a palavra inclusão fica somente da teoria e não colocada em prática.

A palavra inclusão não é somente colocar o aluno com TEA em sala de aula, mas acompanhar e mediar o seu desenvolvimento, é algo que não cabe somente a

escola, mas aos pais acompanharem juntos essa caminhada. Não basta a instituição oferecer as possibilidades se a família não trabalhar e caminhar junto com ela, e cuidar para que o aluno possa interagir com o conteúdo proposto e buscar sempre construir novos saberes de maneira própria e no seu tempo.

Normalmente, à medida que vão se desenvolvendo, as crianças vão aprendendo a estruturar seu ambiente, enquanto que os autistas e outras pessoas com distúrbios difusos do desenvolvimento precisam de uma estrutura externa para otimizar uma situação de aprendizagem. (GURGEL, 2012)

Desse modo, conclui-se que o docente deve estar sempre em busca de novos conhecimentos, para melhorar o desenvolvimento do aluno e o seu próprio. Para que dessa forma a palavra inclusão apresente o seu verdadeiro sentido, o educador deve passar conhecimento, admitir a realidade e encaixar-se a ela, ajudar a desenvolver a criança sempre tendo como foco preservar seu potencial e habilidades. Elaborar atividades lúdicas destinadas às crianças com autismo, por exemplo: jogos, atividades de concentração, que busquem estimular as percepções desse aluno, pois isso irá abranger as práticas dele em sala de aula e a partir daí ajudar a evoluir e sentir-se incluído diante de tudo que for proposto a ele.

2.2 Metodologia

Como retro mencionado sobre a obrigatoriedade dos professores e da sociedade em geral, bem como a escola, em incluir alunos com transtornos em atividades cotidianas possibilitando seu desenvolvimento cognitivo, vale lembrar que muitas instituições de ensino, em especial no nosso país, é escasso o número de escolas que tenham preparo estrutural, e pedagógico para receber crianças com transtornos e/ou quaisquer outras deficiências, o que dificulta a permanência da criança na instituição, apesar de sermos regidos por uma Constituição Federal que dar direito ao acesso a educação de qualidade para todos, e ainda Políticas Públicas que asseguram esse direito, ainda é crescente o índice de exclusão social. De acordo com Suplino (2009, p. 2), “para que o acesso esteja garantido, torna-se necessário assegurar a permanência com qualidade”.

No entanto, para iniciar o processo de inclusão de crianças autista nas escolas, é de suma importância que esse transtorno seja identificado de imediato para que assim seja descoberto o seu nível e ser encaminhado de maneira correta para que não desencadeie problemas futuros.

“Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso desenvolvimento. Estudar autismo é ter nas mãos um “laboratório natural” de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas sem, contudo, perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – Com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para o nosso saber e ignorância”. (BOSA, 2002, p. 13).

Uma criança autista pode ser identificada a partir dos seus primeiros dois anos de vida, quando a mesma está começando a interagir com seu ciclo familiar, na qual os seus pais e professores podem obter essa informação através de observações na falha de comunicação, pois a criança não consegue se expressar como quer, possui dificuldades em fazer amizades, olhar nos olhos de outras pessoas, dentre outros sintomas que podem ser identificados.

Tendo em vista que existe falha e falta de educação no sentido de ensino e aprendizagem a respeito de como lidar com pessoas que possuem transtornos, alguns pais de crianças autistas acabam não percebendo que seu filho a possui, conseqüentemente, torna-se papel da escola identificar e transmitir essa informação para a família da criança, para que juntos possam realizar o trabalho de inclui-lo na escola, promovendo sua aprendizagem, bem como participação igual nas atividades cotidianas.

É notório que tal assunto é pouco discutido, o que o torna quase desconhecido por maioria das pessoas, inclusive alguns grupos educacionais, no entanto, é necessário que:

“Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e a comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos”. (BRASIL, 2010, p. 24).

Nesse sentido, para inclusão de crianças autistas na escola é fundamental que professores tracem uma relação afetiva com o aluno, conquistando a cada dia sua confiança, conhecendo-os melhor através de seus pais, trabalhe com o lúdico, levando jogos criativos para a turma, o diagnóstico é essencial, pois irá apontar as habilidades que a criança possui, facilitando a união desses interesses com as atividades a serem praticadas, é importante também que tais atividades não sejam duradouras, para que o mesmo não fique entediado. E também, utilizar uma linguagem visual é importante para melhor compreensão das tarefas, visto que os mesmos possuem dificuldades na comunicação.

“[...] o educador em suas técnicas, valorize este lado, fazendo com que o aluno observe cores, tamanhos, espessuras, animais, pessoas.... Por outro lado, a sala de aula deve ter pouca estimulação visual para que a criança não desvie sua atenção da atividade em andamento. O ambiente educacional deve ser calmo e agradável, para que os movimentos estereotipados dos alunos não alterem”. (LOPES; PAVELACKI, 2005, p. 7).

Partindo dessa perspectiva, utilizar a metodologia mencionada, além de incluir as crianças com autismo irá capacita-lo em sua independência. É valido ressaltar que, o docente precisa trabalhar em grupo, afim de que ele perceba as dificuldades dos alunos e as compartilhe com o restante da escola, dividindo tarefas ou até trocando-as com seus colegas, no intuito de que todos consigam lidar com aqueles discentes.

2.3 Resultados e discussão

Partindo da premissa que, todos tem o direito a educação de qualidade, no entanto, muitos são excluídos da mesma, devido ao preconceito sofrido, e consequentemente a falta de educação das pessoas que não aceitam outras que possuem transtornos, é valido ressaltar que, o processo inclusivo não é tão simples, não é apenas uma única pessoa ou um grupo específico que alcançará êxito em tal processo ,o mesmo requer a contribuição bem como o envolvimento da sociedade em geral, professores, demais alunos, familiares, a comunidade e a instituição em geral.

Um outro ponto importante para promoção da inclusão é a capacitação do profissional, que por sua vez deve ter formação adequada para pôr em pratica a metodologia de ensino, e conseguir ter sucesso na aprendizagem daquele aluno autista. Desse modo:

Para que a escola possa promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças. Tal conhecimento deveria ser efetivado no processo de formação desses profissionais, sobretudo dos professores que atuam no ensino fundamental. (SILVA; BROTHERHOOD, 2009, p. 3).

Faz-se necessário que haja, no entanto, discursões acerca da aceitação, levar para o dia a dia que pessoas com transtornos também são normais, também podem realizar atividades cotidianas se ensinadas e aceitas pela sociedade.

Entretanto, espera-se que esse artigo chegue até a todos os envolvidos na educação, bem como a sociedade em geral, no intuito de que docentes aprimorem suas metodologias de ensino em relação a pessoas com autismo, e que colegas de turma os aceitem, acolhendo-os, entendendo que o autista também tem direito de estar ali, e que a comunidade tenha a capacidade de lidar com esse transtorno com facilidade. Mostrando que embora existam crianças com esse tipo de transtorno é fundamental inclui-las no meio social através da escola, além de apontar que é direito de todos.

3. CONCLUSÕES

Em virtude do que foi mencionado, partindo da perspectiva que a nossa temática traz a inclusão escolar de crianças autistas bem como seus desafios, na qual realizamos estudos sobre o mesmo, foi possível notar que para que seja inteirado o acesso igualitário a educação é necessário envolvimento por parte da comunidade, pais e professores, além do comprometimento das escolas em garantir a subsistência do aluno no âmbito escolar através de adequações necessárias para mantê-los. É notório a necessidade em trabalhar com as famílias, trazendo diversas experiências que possam ser utilizadas em várias situações, traçar estratégias e metodologias, o contato com demais profissionais na área também é de extrema importância, para que haja a troca de conhecimento, entre outros exercícios já citados.

Pois, se o aluno chega até a instituição, e não se sentir acolhido por a mesma, não ser tratado de maneira correta, sua primeira reação é optar por a desistência, consequentemente causando-lhe traumas futuros, além de incapacidade em envolver-se socialmente.

É indispensável que o professor tenha especializações para assim lidar com o aluno, voltando seu olhar para necessidade de cada qual, visando utilizar as habilidades que os mesmos possuem a favor da aprendizagem, tendo em mente que todos possuem a capacidade de aprender se ensinados de maneira adequada e consciente, os tratando de forma acolhedora, pensando de forma reflexiva acerca do cuidado.

No decorrer desse artigo, pôde-se notar também um outro fator fundamental nessa inclusão, é o planejamento, e o diálogo, a criança autista precisa estar situada quanto ao tempo e espaço, então é importante que o professor esteja sempre em conversa com os mesmos afim de que estabeleçam uma rotina, e caso haja necessidade de mudança o discente seja avisado com antecedência para que isso não cause choque em seu comportamento.

Entretanto, pode-se perceber o quão desafiador é esse processo, mas não é impossível, basta apenas termos consciência sobre o assunto, interação entre aluno, pais e professores, para que assim estejam alinhados, traçando juntos estratégias para proporcionar o crescimento cognitivo e social da criança.

Por último e não menos importante, é essencial que saibamos que o processo de incluir não é só interagir com a criança, esse momento é fundamental, mas não é o suficiente, você não o inclui quando diminui alguma atividade ou o deixa sem fazer, não o inclui quando faz o exercício no lugar do aluno, você os inclui quando dar a oportunidade de tecerem juntos o mundo.

REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo**: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). **Autismo e educação: atuais desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 22-39.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil** de 1988. Disponível em: Acesso em: 28 mar. 2015.

COSCIA, M. R. **As intervenções do professor na aprendizagem de crianças com autismo no Ensino Fundamental I**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Distúrbios de Aprendizagem). Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo, 2010. Disponível em: < www.crda.com.br/tccdoc/47.pdf >. Acesso em: 15 Maio.2013.

CHIOTE, F. A. B. **A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo na Educação Infantil**. Vitória, GESA/UFES. 2012. Disponível em: www.anped.org.br. Acesso em: 20 novembro de 2017.

CHIOTE, F. de. A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2013.
GONÇALVES, L. P., ABRÃO, J. L. F., MANZATO, A. C. **Contribuições da psicologia para inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista no município de Assis**. Presidente Prudente: Colloquium humanarum, v.11, n. especial, jul-dez, p. 1189- 1197, 2014.

GURGEL, DS. **A arte e as dificuldades de educar uma criança autista**. Pedagogia ao pé da letra. Educação Especial; 2012. [acesso em: 12 ago. 2013] Disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br/posts/a-arte-e-as-dificuldades-de-educar-uma-criancas-autistas/>.

KLEIN, R. R. A escola inclusiva e alguns desdobramentos curriculares. In: KLEIN, R. R.; HATTGE, M. D (Org.). **Inclusão escolar**: implicações para o currículo. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2010.

LEMONS, E. L. M. D., SALOMÃO, N. M. R., RAMOS, C. S. A. **Inclusão de crianças autistas**: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. Ed: Esp. Marília: Rev. Bras, v. 20. n.1, p. 117-130, jan-mar, 2014.

LOPES, Daniele Centeno; PAVELACKI, Luiz Fernandes. **Técnicas utilizadas na educação de autistas**. 2005. 11 p. Disponível em: Acesso em: 13 maio 2015

LOPEZ, J. C. **A formação de professores para a inclusão escolar de estudantes autistas**: contribuições psicopedagógicas. 2011. Trabalho final do curso (Especialização em psicopedagogia clínica e institucional) - Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia – Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED, Brasília, 2011.

MARTINS, A. D. F.; MONTEIRO, M. I. B. **Alunos autistas**: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. Psicologia Escolar e Educacional, Maringá, v. 21, n. 2, p. 215-224, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n2/2175-3539-pee-21-02-00215.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

ORRÚ, Sílvia Ester. Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

RODRIGUES, S. R. **Oficinas de Acessibilidade ao Currículo**: Pensando na inclusão da diversidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., São Carlos. Anais eletrônicos [...] São Carlos: UFSCar, 2010.

SILVA, Maria do Carmo Bezerra de Lima; BROTHERHOOD, Rachel de Maya. **Autismo e inclusão**: da teoria à prática. In: V ECPP, Maringá, out. 2009. Disponível em: Acesso em: 03 abr. 2015

SUPLINO, Maryse. **Currículo funcional natural**: guia prático para a educação na área de autismo e deficiência mental. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; Maceió: ASSISTA, 2005. (Coleção de Estudos e Pesquisa na Área da Deficiência; v. 11). Disponível em: Acesso em: 03 abr. 2015.

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. **Aprendizagem e comportamento humano**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III: historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Madri: Visor, 1983.